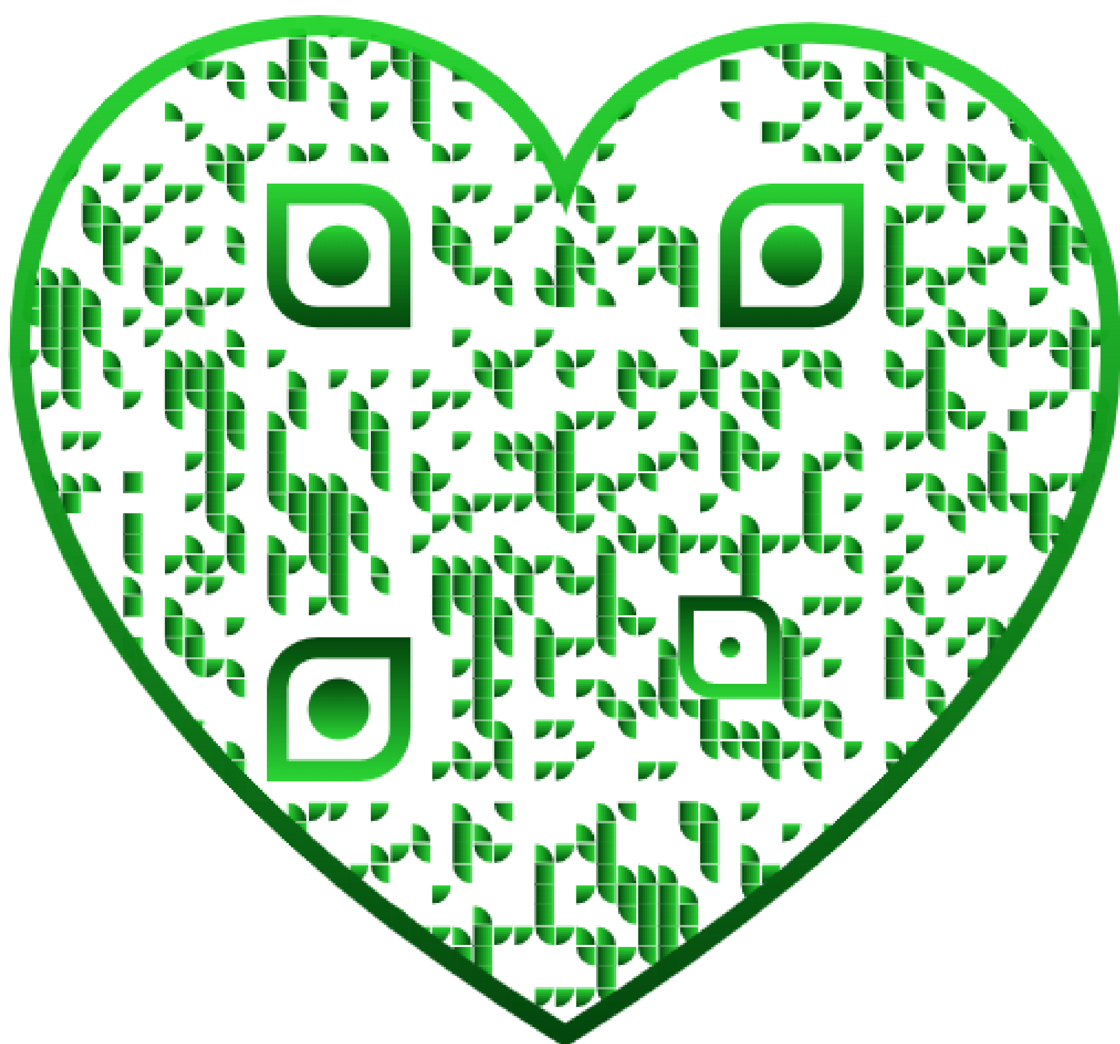
PORTUGUÊS

Lima Barreto
José de Alencar
Augusto dos Anjos
Machado de Assis
Cruz e Souza
Pero Vaz de Caminha
Luis de Camões
Castro Alves
Cláudio Manoel da Costa
Bento Teixeira

VIRTUALBOOKS



O CALIFA DA RUA DO SABÃO
Artur Azevedo

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:
Fazemos o possível para certificarmo-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.terra.com.br/virtualbooks

Copyright© 2000/2002 Virtualbooks
Virtual Books Online M&M Editores Ltda.
Rua Benedito Valadares, 429 – centro
35660-000 Pará de Minas - MG
Todos os direitos reservados. All rights reserved.

O CALIFA DA RUA DO SABÃO
Artur Azevedo

Inverossimilhança lírico-burlesca em 1 ato e diversos idiomas imitada de uma farsa de Labiche.

Música de Francisco de Sá Noronha

PERSONAGENS

NATIVIDADE
NEGOCIANTE
CUSTÓDIO, *guarda-livros*
O *primo* alferes
JOSÉ, *moço de hotel*
JOSEFINA, *modista francesa*
DONA SIMPLÍCIA

A ação [se passa] no Rio de Janeiro. Atualidade

CENA I

CUSTÓDIO

(Só, sentado no divã, de chapéu na cabeça e com as mãos apoiadas num grande guarda-chuva.)

[CUSTÓDIO] — Não sei o que pensar de tudo isto! Ainda ontem era eu guarda-livros em casa do Senhor Natividade, à Rua da Alfândega... quando o patrão que, na véspera, chegara da Turquia, onde tinha ido buscar um bonito sortimento de artigos turcos, pôs-me no olho da rua, pelo simples fato de eu ter deixado cair do nariz no varão, um pequeno pingo de tabaco. *(Erguendo-se.)* O Senhor Natividade devia lembrar-lhe que há dezessete anos sou guarda-livros e é o primeiro pingo de tabaco que me cai na escrituração. Verdade seja que há apenas um mês que eu gasto. Não me quis atender o bárbaro! E disse-me com um gesto de Grão-turco: — Saia, Senhor Custódio, saia! Tomei então o meu guarda-chuva e o bonde, e fui para casa desconsolado e murcho! Mas ontem à noite, recebi do

meu ex-patrão este misterioso bilhete: *(Lendo.)* “Custódio, esteja amanhã às nove horas da manhã, no quarto andar da casa da Rua do Sabão, número tal. O primeiro que chegar espere pelo outro. Mistério! Mistério!! Mistério!! !“ Repito, não sei o que pensar de tudo isto! Aqui estou no quarto andar, fazendo quarto, e como são nove horas e um quarto, e o ex-patrão não aparece, vou pôr os quartos na rua. *(Dispõe-se a sair, quando Natividade entra misteriosamente pelo fundo.)*

CENA II

CUSTÓDIO *e* NATIVIDADE

Duetino

NATIVIDADE — Psit! Psit! *(3 vezes.)*
CUSTÓDIO — O patrão! *(3 vezes.)*
NATIVIDADE — Psit! Psit!
Cala a boca,
Pois é pouca
Toda a tua discrição!
CUSTÓDIO — Temos mistério! *(Bis.)*
NATIVIDADE — Mas muito sério!
Ninguém deve
Nem de leve
O que vim fazer
Saber!
Psit! Psit!
Mas muito sério.
JUNTOS — Ninguém deve
Nem de leve
o que { vim / veio } fazer
Saber,
NATIVIDADE — Eu tomei três tílburis,
Dobrei mil esquinas,
Abaixei cortinas
E afinal cá estou;
Ai, meu bom Custódio,

Serás surdo e mudo,
Senão lá vai tudo
Quanto Marta fiou!

CUSTÓDIO — Tanto mistério, patrão, patrão,
Trata-se acaso de um crime?... de um crime?...
NATIVIDADE — Adivinhaste: de um crime!

CUSTÓDIO *(Querendo desmaiar.)* — Segura-me, eu caio
De ventas no chão!

NATIVIDADE — Cala, cala,
Pois é pouca
Toda a tua discrição!
JUNTOS — Ninguém deve
Nem de leve
Saber desta reunião,
Ninguém deve
Nem de leve
Saber desta reunião! reunião! reunião!

CUSTÓDIO *(Amedrontado.)* — Um crime, patrão!

NATIVIDADE — Silêncio! Um crime, é verdade...

CUSTÓDIO *(Correndo.)* — Ó da guarda!

NATIVIDADE *(Agarrando-o pelo fato.)* — Vem cá. Não te precipites! Um crime que não [é] previsto pelo Código. Trata pura e simplesmente de trair a minha fé conjugal.

CUSTÓDIO *(Repreensivo.)* — Oh! patrão!

NATIVIDADE — Que queres? Fraquezas da humanidade.

CUSTÓDIO — E a patroa, a Senhora Dona Simplícia?

NATIVIDADE — Custódio, se és meu amigo, não me fales de Simplícia. Não imaginas o que é a minha vida privada!

CUSTÓDIO — Deveras?

NATIVIDADE — Já chegamos ao ponto de não nos falarmos senão no dia primeiro, que é quando caio com os cobres para a despesa da casa... e ainda assim, sempre acabamos brigando! Resolvi, portanto, fazer outra família à parte.

CUSTÓDIO — Patrão! Patrão!

NATIVIDADE — Foi uma idéia que me ocorreu há dois meses, em Constantinopla. Disse comigo: — Natividade, eis-te na pátria das huris, na terra das formosas escravas.

CUSTÓDIO — Hein? Comprou uma mulher?

NATIVIDADE — Eu nunca fui abolicionista, e há muito tempo desejava realizar esta transação oriental! Vesti-me de turco e dirigi-me...

CUSTÓDIO — A uma casa de comissão.

NATIVIDADE — A um bazar, para efetuar a minha compra. Tomou-me a passagem no caminho um respeitável muçulmano, que me disse em muito bom francês: — *Monsieur, j'ai une occasion magnifique, une circassienne*[1] *superbe*[2]*!* Levou-me à sua tenda, bateu três vezes numa portinha, e a formosa Zetublé apareceu, envolvida em gazes!

CUSTÓDIO — Transparentes?

[1] Circassienne — Natural ou habitante da Circássia (Ásia).
[2] Trad — Senhor, tenho uma oportunidade magnífica, uma circassiana esplêndida.

NATIVIDADE — Maganão! Não regateei... O turco pediu-me cinco mil francos: dei-lhe dois mil e quinhentos.

CUSTÓDIO — Barata feira!

NATIVIDADE — Dois mil e quinhentos francos, entenda-se.

CUSTÓDIO — Ah!

NATIVIDADE — E mais três quilos de tabaco de Goiás... Nesse mesmo dia, parti para Marselha com a minha esplêndida cativa. *(Mostrando a porta do primeiro plano à direita.)* Ela está ali... naquela alcova... envolvida nos seus gases, quero dizer, nas suas gazes.

CUSTÓDIO — Pode-se entrar?

NATIVIDADE — Maganão! E aqui tens *o* meu serralho.

CUSTÓDIO — Na Rua do General Câmara!

NATIVIDADE — Antiga do Sabão, é verdade.

CUSTÓDIO — Mas permita uma observação, Senhor Natividade, no Brasil já não há escravas.

NATIVIDADE — E que tem isso?

CUSTÓDIO — Ela é livre, e se quiser passar o pé...

NATIVIDADE — Então eu caio de cavalo magro? Primeiro que tudo, ela não sabe que está no Rio de Janeiro!

CUSTÓDIO — Homessa!

NATIVIDADE — Quando chegamos a Marselha, ela achava-se bastante incomodada pelo enjôo do mar.

CUSTÓDIO — Pobre huri!

NATIVIDADE — Logo no dia seguinte, estávamos a bordo do navio que nos trouxe para cá... Desembarcamos à noite, meti-a num carro fechado, trouxe-a para este quarto andar, fechei a porta, abri aquela janela, e disse-lhe, apontando para o zimbório da Candelária: — Estamos em Túnis! Ali está a grande mesquita...

CUSTÓDIO — Em Túnis! E ela engoliu a pílula?

NATIVIDADE — Ora essa. Se eu lhe dissesse Chapéu d'Uvas, engoli-la-ia da mesma forma. As circassianas não sabem geografia.

CUSTÓDIO *(À parte.)* — Este patrão é de força! *(Alto.)* Mas o que não vejo, é para quê me mandou chamar! Em que lhe poderei ser útil?

NATIVIDADE — Custódio, tu és um bom velhote. Presta-me toda a atenção. *(Vão sentar-se no divã.)*

CUSTÓDIO — Sou todo ouvidos.

NATIVIDADE — Tu, como guarda-livros, és bananeira que já deu cacho.

CUSTÓDIO — Mas...

NATIVIDADE — Pus-te no andar da rua... para dar-te outro emprego.

CUSTÓDIO — Deveras?

NATIVIDADE — Uma sinecura, não te digo mais nada. Casa, comida, cem bagarotes por mês, para não fazer nada.

CUSTÓDIO — Oh! Senhor Natividade! Não sei como lhe agradeça... Mas, que vem a ser o tal emprego?

NATIVIDADE — Meu velho, na Europa é costume fazer uns bonecos de palha, que se colocam nas cerejeiras...

CUSTÓDIO — Sim, senhor, na minha terra chamam-se espantalhos.

NATIVIDADE — É isso mesmo. Discretos ao último ponto,esses manequins são incapazes de tocar nas cerejas, mas espantam os passarinhos que tentam aproximar-se delas.

CUSTÓDIO — Mas não atino...

NATIVIDADE — Vais atinar... Nos serralhos há uma classe de funcionários... espantalhos, incumbidos de vigiar as cerejas do sultão.

CUSTÓDIO *(Levantado-se vivamente.)* — Alto lá, não sou de palha!

NATIVIDADE — És o homem que me convém. Tomarás conta do teu novo emprego hoje mesmo. *(Consultando o relógio.)* São dez horas... Começas a vencer o ordenado.

CUSTÓDIO *(À parte.)* — Ora esta, que bonito emprego para um cidadão que ainda gosta de cerejas!

NATIVIDADE *(Abrindo a primeira porta da esquerda.)* — É este o teu quarto... Ali encontrarás uma vestimenta de turco, um alfanje e umas barbas.

CUSTÓDIO — É preciso que eu me disfarce em turco?

NATIVIDADE — Pois se estamos em Túnis!

CUSTÓDIO — Mas se eu não sei uma palavra da língua turca.

NATIVIDADE — Nem eu.

CUSTÓDIO — Nesse caso a Zetublé percebe logo que...

NATIVIDADE — Não percebe tal, ela só sabe o idioma da Circássia. Podes falar-lhe todas as línguas! Ah, é verdade, não te esqueças de que eu me chamo Ben-Cid-Natividade.

CUSTÓDIO — Tem graça, tem... mas eu também precisava de um nome oriental.

NATIVIDADE — Tu chamas-te Omã.

CUSTÓDIO — Custódio Omã! Não soa mal. Custódio Omã.

NATIVIDADE — Vai, vai mudar de fato. Preciso apresentar-te a Zetublé.

CUSTÓDIO *(À porta da esquerda.)* — Hein! O meu quarto está cheio de sacos!!

NATIVIDADE — Já disse ao senhorio que mandasse tirar esses sacos de rolhas, aqui deixadas por um sujeito que aqui morou.

CUSTÓDIO — Daqui a pouco levo-as para o corredor. *(Natividade toma-o pela mão, trá-lo ao proscênio e cantam ambos misteriosamente o último motivo do dueto. Cantam.)*

NATIVIDADE — Cala, cala,
JUNTOS — Cala a boca, *(Bis.)*
Pois é pouca
Toda a tua discrição!
Toda a minha discrição!

NATIVIDADE — Psit! Psit!
ninguém deve
JUNTOS — Ninguém deve
Nem de leve
Saber desta reunião, desta reunião, desta reunião.
(Custódio sai pela esquerda.)

CENA III

NATIVIDADE, *depois* JOSEFINA

NATIVIDADE *(Consultando o relógio.)* — Dez horas e um quarto... São horas de vestir-me de califa. *(Toma a vestimenta que está pendurada e veste por cima de suas roupas. Arma-se com um enorme alfanje. Enquanto se veste.)* O bonito é que fiquei de estar com minha mulher, às dez horas, na Rua Direita, ao pé do Correio, para irmos juntos ver uma casa que, durante a minha ausência, ela comprou não sei em que bairro. Ora! Irá com o primo, um primo alferes, que sempre me substitui nestas estopadas. Por isso disse-lhe que fosse ter com ela à Rua Direita... e o rapaz é de uma condescendência, coitado! *(Deitando na cabeça um enorme turbante.)* São horas de irmos ter com a nossa fantástica Zetublé! *(Chamando.)* Zetublé! Ó Zetublé! Não responde... Chamemo-la com uma serenata bem apaixonada. *(Canta fazendo do alfanje guitarra.)*

I

Doce filha da Circássia,
Branca per'la do Oriente,
Vem ouvir a voz plangente
De teu senhor; *(Bis.)*
Quero estreitar-te em meus braços,
Quero gozar-te as carícias
E as inefáveis delícias
De teu amo! (6 *vezes.)*
Ah!
Ó Zé. ..Zé.. .Zé...
Ó Zetublé,
Vem cá,
Vem já,
Vem cá,
Vem fazer-me cafuné!
Ó Zé. ..Zé.. .Zé...
Ó Zetublé,
Vem cá,
Vem já,
Vem fazer-me cafuné.

Vem cá,
Vem fazer-me cafuné.

II

Não, não tardes, minha amada,
Circassiana flor bonita,
Que por ti de amor palpita
Meu coração! *(Bis.)*
A nívea face mimosa
Quero cobrir-te de beijos,
Vem saciar os desejos
De teu sultão (6 *vezes.)*
Ah!
etc. etc, etc.

(Abre-se a porta da direita e Josefina aparece vestida à circassiana, e envolta num véu.) Ei-la. *(À parte.)* É uma estrela! *(Alto.)* Vou fingir que falo turco. *(Com um tom de voz muito suave.) Hoc opus hic labor est.* Taubaté. Guarapuava.

JOSEFINA — Miau trá lá cá dá cá.

NATIVIDADE *(À parte.)* — Que idioma! É um regato de mel serpeando suavemente numa planície de veludo! *(Alto.) I an very glad, very well! Titire, tu patulé recubans sub tegmine fagi.*

JOSEFINA — Miau trá dá cá dá cá.

NATIVIDADE *(Á parte.)* — Miau trá dá cá dá cá... Diz sempre a mesma coisa... Isto aposto que significa... Eu te amo. Declaremo-nos. *(Alto. Com ímpeto.)* Ó Estambul! Cabul! Liverpool! *(Com explosão.)* Rio Grande do Sul!

JOSEFINA — Miau trá dá cá dá cá.

NATIVIDADE *(À parte.)* — Já amola! Hei de dizer ao Custódio que lhe vá ensinando o português nas horas vagas. Se almoçássemos? Um calicezinho de champanhe talvez... quem sabe? *(A Josefina, fazendo gestos de comer.) Usted mangiare!*

JOSEFINA — Cuic! Cuic!

NATIVIDADE *(À parte.)* — Ela disse *cuic!* É o *oui* das circassianas! *(Consentimento.)* Ah! Quando me dará o seu *cuic?* Vou ao hotel ali defronte encomendar um almoço. *(Sai pelo fundo , fazendo a Josefina sinal que espere.)*

CENA IV

JOSEFINA, *só.*

JOSEFINA — Ah! *Voilà un chinois de turc qui me embête. (Apresentando-se.)* Josefina Bataille; ex-modista no Rio de Janeiro e ex-artista em Constantinopla. Não sou circassiana, mas *parisienne!*

No Rio de Janeiro apaixonei-me por um *garçon d'hotel:* José, o meu José! Enganada por ele, resolvi expatriar-me. Em Paris, deu-me a mosca e fui para Constantinopla em companhia de uma companhia de *zarzuela-buffe.* Ferraram-nos a mais tremenda pateada. Ficamos todos a tocar leques por bandurra. Mas um dos nossos atores, um espertalhão, descobriu um turco que, tendo de embarcar daí a dias para o Rio de Janeiro, pretendia levar consigo algumas escravas. Disse comigo. Estou arranjada! O homem paga-me a passagem, e logo que chegarmos ao Rio de Janeiro, tomo às de vila-diogo. Agradei-lhe, e ele comprou-me por dois mil e quinhentos francos, que embolsei. Embarcamos.. . chegamos... e, no momento em que eu me dispunha a passar-lhe o pé, abre esta janela, diz-me: — Estamos em Túnis! O animal mudará de resolução? Estamos em Túnis, debaixo do pavilhão maometano, e pela lei, sou sua escrava! Que posição! E o diabo é que o diabo torna-se exigente como o diabo! Já começa a agitar o lenço. *(Remonta.)*

CENA V

JOSEFINA, CUSTÓDIO, *depois* NATIVIDADE.

CUSTÓDIO *(Entra pela primeira porta da esquerda. Está vestido de turco, grande e alto toucado de eunuco. Não traz barbas. Um grande sabre, chinelas turcas.)* — Esta roupa é quente como os demônios, e este chanfalho é muito incômodo.

JOSEFINA *(À parte.)* — Olá! outro turco... Algum amigo.

CUSTÓDIO *(À parte.)* — A sultana! Oh! que é esplêndida e robusta. Aí está, é das mulheres que aprecio.

JOSEFINA *(À parte.)* — Como é feio!

CUSTÓDIO *(À parte.)* — Vou fingir que falo turco. *(Aproximando-se dela, e cumprimenta, dizendo.)* Trum, trum, trum!

JOSEFINA *(À parte.)* — Que estará ele dizendo?

CUSTÓDIO *(À parte.)* — Decididamente inda gosto de cerejas! *(Fazendo festas a Zetublé.)* Trum, trum, trum!

JOSEFINA — Que tipo. Ah! *Mais est-ce qu 'il ne va pas finir ce vieux debardeur.*

NATIVIDADE *(Entrando pelo fundo. (À parte)* — Está encomendado o almoço. *(Alto a Custódio.)* Omar, vil escravo! Aproxima-te!

CUSTÓDIO *(Que tem tomado a extrema, aproximando-se.)* — Aqui estou, grandeza do sol!

NATIVIDADE *(Indicando-lhe o fundo.)* — Vai para a sala dos eunucos.

CUSTÓDIO *(À parte.)* — Para o corredor.

NATIVIDADE — De cimitarra em punho! Degolarás todo aquele ou aquela que pretenda entrar ou sair!

JOSEFINA *(À parte.)* — *Saprelotte.*

NATIVIDADE — Estás nomeado eunuco-mor do harém!
JOSEFINA *(À parte.)* — Eunuco? *(Alto.)* Isto é demais!
NATIVIDADE *e* CUSTÓDIO — Hein?!
NATIVIDADE — Ela fala português!
CUSTÓDIO — Mas tem sotaque turco.
NATIVIDADE — Ah! aqui vão se passar coisas extraordinárias. *(A Custódio.)* Retira-te e retira da bainha a tua cimitarra. *(Cantam.)*

Juntos

NATIVIDADE Ela disse: isto é demais,
Ela falou português!
Explicar-me a coisa vais
Em minutos dois ou três! *(Bis.)*
CUSTÓDIO Ela disse: isto é demais,
Ela falou português!
A pequena é das tais,
Hei de ter a minha vez! *(Bis.)*
JOSEFINA — Sim, eu disse: isto é demais,
Sim que falo português!
E se daqui saio, jamais
No Oriente ponho os pés! *(Bis.)*

(Repetem 3 vezes; na 3ª duas, vezes. Custódia sai.)

CENA VI

NATIVIDADE *e* JOSEFINA

NATIVIDADE — Fala! Quem tem ensinou a falar a língua de Camões?
JOSEFINA — Foi meu pai, que esteve muitos anos em Portugal.
NATIVIDADE — Pois ainda bem, assim nos poderemos entender melhor.
JOSEFINA — Quero pedir-te dois favores, trono de esplendor! pirâmide de sabedoria!
NATIVIDADE — Fala, andorinha de minha primavera!
JOSEFINA — Dispensa o eunuco.
NATIVIDADE — O meu fiel Omar! E depois?
JOSEFINA — Empresta-me uns cobres para ir comprar um par de ligas?
NATIVIDADE — Queres sair?! Pela couraça de Maomé! Proíbo-te!
JOSEFINA — Então hei de levar todo o santo dia metida entre estas quatro paredes?
NATIVIDADE — Recalcitras?
JOSEFINA — Recalcitro!

NATIVIDADE — Vou mandar-te açoitar!
JOSEFINA — Não, não! Já cá não está quem falou!
NATIVIDADE *(À parte.)* — Hein! o que é a mulher no Oriente! *(Alto.)* Pois não sabes, ó desgraçada, que se um homem se atrever a olhar para ti, estou no meu direito de degolá-lo?
JOSEFINA — Oh!
NATIVIDADE — E de coser-te ali num saco, como um macaco, um galo, uma serpente, e um coelho e de lançar-te ao mar! Hum!
JOSEFINA *(À parte.)* — Ora esta!
NATIVIDADE —Agora sorri!
JOSEFINA — Mas...
NATIVIDADE — Ordeno-te que sorrias!
JOSEFINA *(Sorrindo.)* — Pronto!
NATIVIDADE —Ah! Ah!

CENA VII

Os mesmos e CUSTÓDIO

CUSTÓDIO *(Entrando pelo fundo, de cimitarra em punho.)* — Montanha de cortesia!
NATIVIDADE — Que há?
CUSTÓDIO *(Baixo.)* — O inquilino do terceiro andar diz que está aí a nova proprietária, que vem examinar o prédio.
NATIVIDADE *(A Josefina.)* — É o cádi que me vem visitar... Vai para o teu quarto.
JOSEFINA — Obedeço, cornija da abódada celeste. *(Sai pela direita, primeiro plano.)*

CENA VIII

NATIVIDADE, CUSTÓDIO, *depois* SIMPLÍCIA *e o primo* alferes

ALFERES *(Dentro.)* — A casa é bem boa!
SIMPLÍCIA *(Dentro.)* — Construção muito sólida!
NATIVIDADE *(Que subiu, olhando para o fundo.)* — Céus! Minha mulher!
CUSTÓDIO — A patroa!
NATIVIDADE — Com o primo alferes.
CUSTÓDIO — Vão ver-nos vestidos de turcos! Onde nos devemos meter?
NATIVIDADE — Prudência! Estas vestimentas podem salvar-nos! *(Fazendo Custódio sentar-se à turca no divã da esquerda.)* — Senta-te aí.. . cruza as pernas...fuma neste cachimbo! *(Dá-lhe um grande cachimbo turco, que vai tirar do cabide)*
CUSTÓDIO — Mas eu não fumo. O tabaco faz-me mal!...

NATIVIDADE — Tanto melhor! *(Sentando-se num coxim, do outro lado.)* E eu aqui... e bico! *(Cruza as pernas e acende um cachimbo. Simplícia aparece ao fundo, seguida pelo primo alferes, que está fardado.)*

Quarteto

SIMPLÍCIA — Olé? dois turcos! dois!
ALFERES —Dois turcos, é verdade!
SIMPLÍCIA — Isto pra mim é novidade!
Eu não sabia que os meus inquilinos
Fossem turcos!
ALFERES — São turcos genuínos!

[Juntos]

SIMPLÍCIA *e* ALFERES
Oh! que tipos
Que tipões,
Me parecem
Dois sultões *(Bis.)*

CUSTÓDIO *e* NATIVIDADE
Para ver-me
Nos sertões,
Dava agora
Dez tostões. *(Bis.)*

SIMPLÍCIA *(Aproxima-se.)* — Sou sua senhoria!
NATIVIDADE *(Falando.)* — Mamamut, mamamut, mamamut!
ALFERES — Jesus! Que algaravia.
NATIVIDADE — Trombuctu, trombuctu. *(Bis.)*
SIMPLÍCIA — Não sabem português.
ALFERES — Talvez saibam francês...
Elle est la propriétaire.
CUSTÓDIO — Mmamut, mamamut, mamamut, mamamut.
SIMPLÍCIA — *Nous ne pouvons rien faire!*
CUSTÓDIO — Tombuctu, tombuctu, tombuctu, tombuctu!
ALFERES — Não sabem o francês.
SIMPLÍCIA — Inglês sabem talvez.
I am the proprietary.
NATIVIDADE — Mamamut, mamamut, mamamut!
ALFERES — Não sabe o que é *proprietary!*
CUSTÓDIO *e* NATIVIDADE — Tombuctu, tombuctu, tombuctu!
TODOS — Mamamut!
Tombuctu!

SIMPLÍCIA *e* ALFERES
Mamamut, tombuctu,
Mamamut, tombuctu, tombuctu;

CUSTÓDIO *e* NATIVIDADE
É língua de zulu,
Mamamut,

Mamamut, tombuctu,
Tom, tom, tom, tombuctu!

É língua de zulu,
É língua de zulu!

ALFERES — Não sabem português... podemos falar sem receio. Prima Simplícia,eu continuo a amá-la com todas as forças de minha alma!

CUSTÓDIO *e* NATIVIDADE — Hein?

ALFERES *e* SIMPLÍCIA *(Voltando-se.)* — O que é?

NATIVIDADE — Mamamut!

CUSTÓDIO — Tombuctu!

ALFERES — Lembra-se daquela vez... seu marido estava na Europa... em que jantamos juntos no Bragança, em *tête-à-tête*... num gabinete que dava para a Rua do Cano?

SIMPLÍCIA — Cale-se.

NATIVIDADE *(À parte.)* — E esta?

ALFERES — À sobremesa, a prima Simplícia sempre vigorosa, não me quis atender; pôs a capa e o chapéu e...

SIMPLÍCIA — Tinha-me esquecido de fechar as gavetas, e não me fio em criados.

NATIVIDADE *(À parte.)* — Felizmente.

ALFERES — Para a outra vez não se esqueça de fechar as gavetas sim, prima Simplícia?

SIMPLÍCIA — Cale-se!

ALFERES — Outro cálice! A prima Simplícia está hoje inesgotável! *(Beija-lhe a mão.)*

NATIVIDADE — Mamamut! Mamamut!

CUSTÓDIO — Tombuctu! Tombuctu!

SIMPLÍCIA — Que tipos, vamos ver o resto da casa.

ALFERES — Às suas ordens, prima Simplícia. *(Dirigindo-se à porta da direita.)* Uma alcova.. Oh!...

SIMPLÍCIA — O que foi?

ALFERES *(Disfarçando.)* — Nada! Apertei o dedo na porta! *(À parte.)* Uma odalisca! Um harém ali dentro!

SIMPLÍCIA *(Que tem pegado na bengala de Natividade, dá-lhe com ela.)* —Ah!

ALFERES — O que é?

SLMPLÍCIA — Nada! *(À parte.)* Dir-se-ia a bengala de meu marido! Hei de cá voltar...

ALFERES *(À parte.)* — Vou e volto!

SIMPLÍCIA — Vamos, primo alres?

ALFERES — Às suas ordens, prima Simplícia. *(Saem.)*

CENA IX

NATIVIDADE, CUSTÓDIO, *depois* JOSÉ

NATIVIDADE *(Levantando-se.)* — Foram-se.

CUSTÓDIO *(Idem.)* — Há muito tempo. Já estou tonto de tanto fumar!

NATIVIDADE — Instalei Zetublé na casa que minha mulher comprou na minha ausência. Amanhã mudamo-nos.

CUSTÓDIO — E o priminho a fazer o seu pé-de-alferes!

NATIVIDADE *(Muito sério.)* — Custódio, eu não sou homem de preconceitos... mas vou fechar a porta ao tal priminho. *(Entra pelo fundo José, vestido de moço de restaurante, com um almoço servido numa mesinha, deixando ficar perto da porta da esquerda uma cesta com vinho.)*

NATIVIDADE — Ah! bem, bem! *(Chamando.)* Zetublé, Zetublé!

CENA X

Os mesmos e ZETUBLÉ

ZETUBLÉ *(Entrando.)* — Chamou-me!

NATIVIDADE — Para almoçarmos.

JOSÉ *(A Natividade.)* — Não deseja mais nada?

JOSEFINA *(À parte.)* — Ah! meu Deus! esta voz! *(Reconhecendo.)* José?!

JOSÉ *(À parte, estupefato.)* — Josefina!

NATIVIDADE — O que tem você, homem?

JOSÉ *(Palpitante.)* — Nada!

NATIVIDADE — Então, deixe-nos. *(Sai José pelo fundo, olhando para Josefina.)*

JOSEFINA *(À parte.)* — José em Túnis!

NATIVIDADE *(A Josefina.)* — Senta-te à minha direita. *(Sentam-se à mesa.)*

CUSTÓDIO *(Procurando lugar para sentar-se.)* — E então eu?

JOSEFINA *(Dando-lhe o prato de arroz.)* — Tome; vá para o seu quarto.

CUSTÓDIO *(Consigo.)* — Vá lá! cá levo o champanhe para digerir o arroz. *(Toma, sem ser visto, um cesto de garrafas, que José tem posto, ao entrar, perto da porta da esquerda, primeiro plano. Sai por essa porta).*

CENA XI

NATIVIDADE, JOSEFINA, *depois* JOSÉ

NATIVIDADE — Finalmente estamos sós... sozinhos!

JOSEFINA — É verdade. *(À parte.)* Como é feio!

NATIVIDADE *(Com ímpeto.)* — Ó Zé, Zé!

JOSEFINA *(Friamente, erguendo-se.)* — O que há?!

NATIVIDADE *(Acompanhando-a)* — Fala-me, dize-me coisas açucaradas... Canta-me uma cantiga da tua terra!

JOSEFINA — Ah! quer que lhe cante uma cantiga! Então lá vai! *Os dois pombinhos. (À parte.)* Vou impingir-lhe um *couplet* do repertório da *ópera-bouffe.*

NATIVIDADE — Vamos lá

I

JOSEFINA — Conheci dois namorados,
Cada qual o mais discreto,
Quem os via tão chegados
Invejava aquele afeto.
A trocarem mil carinhos, mil carinhos,
Pareciam dois pombinhos, dois pombinhos!
E até diziam
Que assim faziam, *(Bis.)*
JOSEFINA Quando sozinhos,
(Rolando.) Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!
NATIVIDADE — Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!
JOSEFINA — Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru! Ru, ru!
NATIVIDADE — Rucutucu! Rucutucu! Rucutucu! Rucutucu!

JOSEFINA — Pombo gentil, gentil pombinha,
Hás de ser meu, hás de ser minha!
Hás de ser meu!

II

Mas depois de bem casados,
Adeus, minhas encomendas!
Eram só por seus pecados,
Discussões e mil contendas,
Dele um murro, dela um soco
Não ficava sem ter troco,
E, assim diziam,
Já não faziam *(Bis)*
Muito nem pouco!
Ru... ru...
etc., etc., etc.

NATIVIDADE *(Tomando-a pela cintura com explosão.)* — Ó Zé, ó Zé, ó Zé, ó Zetublé!

JOSÉ *(Aparecendo ao fundo.)* — O senhor chamou?

NATIVIDADE — Vai-te embora, garçom! Não me esfries a cena!

JOSÉ — Parece-me que tinha ouvido: Ó Zé! *(Sai.)*

JOSEFINA *(À parte.)* — E nunca foi tão bonito!

NATIVIDADE — Em que pensas?

JOSEFINA *(Sentando-se à mesa.)* — Penso que... que estou com o estômago a dar horas.

NATIVIDADE *(À parte, sentando-se.)* — Pois, senhores, a pequena fala o português como Fernão Mendes Pinto. *(Com explosão.)* Ó Zé... tublé!

JOSEFINA — Quieto!
JOSÉ *(Entrando.)* — O senhor chamou?
NATIVIDADE — Deixa-nos, por Maomé. *(José sai)* Este garçom é insuportável! Huri do meu coração, uma taça de champanhe, vai?
JOSEFINA — Duas ou três, se quiser.
NATIVIDADE *(Procurando as garrafas.)* — Ora esta! Onde diabo está o champanhe?
JOSEFINA — Chame o garçom.
NATIVIDADE — Qual garçom! Estou farto do tal garçom! Provavelmente Omar levou as garrafas para o seu quarto! Vou buscá-las. Volto já! *(Enviando-lhe um beijo.)* Volto já!... *(Entra no quarto de Custódio.)*

CENA XIII

JOSEFINA, JOSÉ, *depois* NATIVIDADE

JOSÉ *(Aparecendo.)* — O senhor chamou?
JOSEFINA — José!!
JOSÉ — Josefina! Estás só?
JOSEFINA — Oh! leva-me daqui! leva-me daqui!
JOSÉ — Para onde?
JOSEFINA — Para onde quiseres! Para o inferno! Ainda me amas?
JOSÉ — Oh! sempre! *(Ajoelha-se-lhe aos pés. Natividade entra.)*
NATIVIDADE — Aqui está o champ... *(Vendo-os, com um grito.)* Oh! *(Arrolha o champanhe que salta com a explosão.)*

Tercetino

NATIVIDADE — Que vejo! *(Bis.)*
JOSEFINA *e* JOSÉ — Nós fomos apanhados
Coa boca na botija!
NATIVIDADE *(Puxa o alfanje.)* — Oh! desgraçados,
É natural que disto explicação exija!
Por Maomé!
JOSEFINA *(Protegendo José.)* — José! Meu José!
NATIVIDADE *(Avançando para eles.)* — Zetublé!
JOSÉ — Zetublé!
— Eu não me posso ter em pé!
JOSEFINA — Meu José, meu José!
Dá neste turco um pontapé!
NATIVIDADE — Maomé! *(Bis.)*
Eu vou matar este José!
(A Josefina.) Sem mais demora,

Para o meu quarto
Vá senhora.

(Empurra Josefina para o quarto, depois avança para José. Tragicamente.)

E nós, agora!...

(Vai como que cantar uma grande ária, avançando para José, que se defende, levantando a mesa. A orquestra pára subitamente interrompendo o ritornello *da ária, que deve ser a* Tosca.)

CENA XIV

NATIVIDADE, JOSÉ, *depois* CUSTÓDIO

NATIVIDADE *(Muito calmo.)* — Não sejas tolo... não te quero mal... *(Dando-lhe uma nota.)* Aqui tens cinco bagarotes.

JOSÉ *(Admirado.)* — Não percebo...

NATIVIDADE — Solta um grande grito... Assim como se te estivessem matando!

JOSÉ — Está doido?

NATIVIDADE — Solta um grito! *(Lembrando-se.)* Ah! espera lá! *(Dá-lhe um pontapé. José solta um grito e foge pelo fundo.)* Pronto!

CUSTÓDIO *(Entrando com um grande saco às costas.)* — Cá vou deitar no corredor o primeiro saco de rolhas!

CENA XV

Os mesmos e JOSEFINA

JOSEFINA — Ouvi um grito... *Mon Josef!... (Vendo o saco às costas de Custódio, solta um grito de pavor.)* Ah! ele está naquele saco! Assassinado! *(Custódio tem saído pelo fundo.)*

NATIVIDADE — Fiz justiça! *(Para fora.)* Omar, manda lançar esse cadáver ao mar!

JOSEFINA — Assassino! Malvado! Odeio-te! Detesto-te!

NATIVIDADE *(Tomando-a pela cintura.)* — Façamos as pazes, louquinha!

JOSEFINA — Não te aproximes de mim. Eu mordo-te!

NATIVIDADE — Fica assim! És sublime nas tuas fúrias! *(Excitando-a.)* Kis! Kis, enfurece-te mais, de vez em quando hei de mandar matar um garçom, para te ver assim furiosa! *(Com graça.)* Até logo, alma da minha vida, até logo! *(Sai pela direita.)*

CENA XVI

JOSEFINA, *depois o* ALFERES

JOSEFINA — Oh! *Jé comprendo Judith et Olofernes!*

ALFERES *(Entrando cautelosamente.)* — Entrei pela outra porta, de que tenho urna chave! Oh! a sultana...

JOSEFINA *(À parte.)* — Um militar!

ALFERES — Fala português?

JOSEFINA — Falo! *(À parte.)* Aqui em Túnis, muito se fala o português!

ALFERES *(Caindo-lhe aos pés.)* — Nesse caso, amo-a!

JOSEFINA — Senhor!

ALFERES *(Com volubilidade.)* — Eu nunca tinha visto sultana senão nas mágicas... Desde a primeira vez que tive a ventura suprema de vê-la, senti circular-me nas veias um fogo estranho, eu...

JOSEFINA *(Atalhando.)* — Desgraçado, pois não sabe?

ALFERES — O quê?

JOSEFINA — Nessa casa corta-se a cabeça a um homem...

ALFERES — Virgem Maria!...

JOSEFINA — ... com a mesma facilidade com que a uma galinha!

ALFERES — Valha-me Deus! *(Cai sentado. Natividade e Custódio, que aparecem, soltam ambos um grande grito ao dar com ele. Forte na orquestra. O alferes foge pela esquerda, primeiro plano.)*

CENA XVII

JOSEFINA, NATIVIDADE *e* CUSTÓDIO

NATIVIDADE *(Solene.)* — Omar?

CUSTÓDIO — Patrão! *(Emendando.)* Ben-Cid-Natividade?

NATIVIDADE — Desembainha o teu alfanje, vai ao encalço desse alferes, e corta-lhe a cabeça.

CUSTÓDIO — Sim, fonte de suavidade! *(Sai pela esquerda, primeiro plano.)*

JOSEFINA — Perdão, perdão para ele! Eu não o conheço! Juro-lhe que está inocente!

NATIVIDADE — Pelo bigode do Profeta. Não o defendas, mulher! *(Custódio reaparece com outro saco às costas e sai pelo fundo.)* Ali vai o saco do alferes.

JOSEFINA *(Com um grito.)* — Outro! Dois homens perderam a cabeça por meu respeito. *(Vai desmaiar. Natividade sustém-na.)*

NATIVIDADE — Como és bela assim! Deixo-te entregue às tuas reflexões... Mas pelo umbigo de Maomé! Não recebas visitas, se é que a espécie humana te merece alguma consideração! .Vai

encomendar mais sacos! *(Sai pelo fundo e fecha a porta. Simplícia aparece no segundo plano, esquerda.)*

CENA XVIII

JOSEFINA *e* SIMPLÍCIA

JOSEFINA — Estamos num belo país, não há que ver.
SIMPLÍCIA *(À parte.)* — Aqui anda coisa... Aquela bengala!
JOSEFINA — Uma senhora!
SIMPLÍCIA — Uma turca! Josefina, que foi minha costureira!
JOSEFINA — Oh! Uma freguesa fluminense! E esta!
SIMPLÍCIA — Que faz você aqui? E assim vestida?
JOSEFINA — Estou em poder de dois tigres... dois turcos! dois degoladores!
SIMPLÍCIA — Meu Deus!
JOSEFINA — Salve-me, madama, salve-me das garras de Ben-Cid-Natividade!
SIMPLÍCIA — Hein? ! Chama-se Natividade?
JOSEFINA — E o outro Custódio... Custódio Omar.
SIMPLÍCIA — O guarda-livros.
JOSEFINA — Não é essa precisamente a sua profissão!
SIMPLÍCIA — Ah! desavergonhados! tratantes... Sossegue, que arrancá-la-ei ao jugo dos seus algozes! Ouvi rumor, esconda-me... esconda-me, que ele vai ver o bom e o bonito!
JOSEFINA — No meu quarto, ali...
SIMPLÍCIA — Nem uma palavra, e conte comigo! Ah! Maroto! *(Entra no quarto de Josefina.)*
JOSEFINA — Mas como diabo...

CENA XIX

JOSEFINA, JOSÉ, *depois o* ALFERES

JOSÉ — Psit! Psit, Josefina,
Aqui estou, mulher divina!
Pois que adorar-te é meu fraco.
JOSEFINA — Pois não estás no saco?
ALFERES *(Aparecendo.)* — Psit! Psit, ó menina!
Aqui estou, huri divina!
Pois adorar-te é meu forte!
JOSEFINA — Também escapou à morte?
(Assustando-se.) Escondam-se!
ALFERES *e* JOSÉ — Oh! *(Desaparecem ambos, forte na orquestra.)*
JOSEFINA — *Vivants tous deux, ces farceurs de turcs m ‘ont fait poser! (Entra Custódio um pouco embriagado.)*

CENA XX

JOSEFINA, CUSTÓDIO, *depois* NATIVIDADE

CUSTÓDIO — O champanha é bom, mas é velhaco. Fiz como o patrão, tomei uma turca. *(A Josefina.)* Meu amo, o décimo terceiro raio do sol, mandou dizer a vossemecê que... *(Procurando lembrar-se.)* O que diabo mandou ele dizer? Ora esta?

JOSEFINA — Durma um poucochinho.

CUSTÓDIO — Isso não! Não posso dormir ao pé de um prato de cerejas.

JOSEFINA — Pobre turco!

CUSTÓDIO *(À parte.)* — É esplêndida! *(Toma-lhe a mão e beija-a.)* Tombuctu! Tombuctu!

JOSEFINA — O quê? Ah! Quer a outra! *(Dá-lhe a outra mão. Custódio beija-a.)* Pobre mamamuth!...

NATIVIDADE *(Entra pelo fundo com o turbante enviesado.)* — Não sei o que tenho... Eu não sou turco, mas também parece-me que não estou lá muito cristão! *(Alto.)* Omar, sola dos meus sapatos! *(Toma-lhe o braço e encostam-se um ao outro rindo.)* Que a minha vontade seja a tua lei! *(Tirando um lenço da algibeira.)* Chegou o momento. Leva esta mensagem à sultana!

JOSEFINA *(À parte.)* — *Rigri... et demande l'addition!*

CUSTÓDIO *(À parte, com o lenço na mão, aproximando-se de Josefina, a cambalear.)* Estou com vontade de lhe dar também o meu. *(Tira da algibeira um lenço de tabaco e, dobrando o joelho, apresenta os dois lenços a Josefina.)* Branca filha da branca Circássia... aceita este testemunho da consideração e respeito com que somos... de Vossa Senhoria... atentos, veneradores e criados...

JOSEFINA — Dois lenços! eu não estou endefluxada!

NATIVIDADE *(Aproximando-se desta com amor.)* — Preciso dizer-te tantas coisas?!

JOSEFINA — Permite, grande luz, que eu vá vestir os meus vestidos de gala.

NATIVIDADE — Que te acompanhem as graças e te conduzam amores. Tens três minutos para mudar a fatiota. *(Josefina sai pela direita média.)*

CENA XXI

NATIVIDADE *e* CUSTÓDIO

CUSTÓDIO — É pena que o patrão só tivesse comprado uma.

NATIVIDADE — Omar!

CUSTÓDIO *(Sem dar-lhe ouvidos.)* — Se ele ma quisesse ceder pelo custo...

NATIVIDADE — Omar!...

CUSTÓDIO — Patrão!...

NATIVIDADE — Inunda-me de perfumes. Quero embriagá-la.

CUSTÓDIO — Perfumes? Então, com licença: vou até os *Dois Oceanos.*

NATIVIDADE — Quais *Dois Oceanos!* Toma! *(Tira da algibeira dois vidros de perfumarias.)* Derrama-me essas águas nos cabelos... no pescoço...

CUSTÓDIO — Eu também sou filho de Deus! *(Derrama um vidro sobre Natividade e outro sobre si.)*

NATIVIDADE — Derrama... Nos olhos não, desgraçado! *(Tendo-se acabado a perfumaria, derrama Custódio sobre Natividade o champanha de uma garrafa que trouxe debaixo do braço.)*

CUSTÓDIO — Acabou-se! *(Desfaz-se da garrafa e dos vidros.)*

NATIVIDADE — Escravo, é a festa dos mirtos! Vai buscar a formosa Zetublé.

CENA XXII

NATIVIDADE, CUSTÓDIO, DONA SIMPLÍCIA, *depois* JOSÉ, O ALFERES *e* ZETUBLÉ

(Música na orquestra. Dona Simplícia aparece vestida de circassiana e com o rosto coberto por um véu. Custódio toma-a pela mão, eleva-a solenemente para junto de Natividade.)

NATIVIDADE — Aproxima-te, sol das minhas noites! *(Beija-lhe a mão.)*

CUSTÓDIO *(Beijando-lhe a outra mão.)* — Lua dos meus dias.

SIMPLÍCIA *(Afastando o véu.)* — Vocês são dois patifes!

NATIVIDADE *(Recuando.)* — Minha mulher!

CUSTÓDIO — A patroa! *(Josefina, Alferes e José apareceram.)*

SIMPLÍCIA *(Tirando um lenço do bolso.)* — Então foi para isto que lhe marquei duas dúzias de lenços. *(A Josefina.)* Venha, Josefina!

NATIVIDADE — Josefina!

SIMPLÍCIA — Minha ex-modista.

NATIVIDADE — Pois não é circassiana?

JOSEFINA — Parisiense!

NATIVIDADE — Parisiense. Passe já para cá os meus dois mil e quinhentos francos.

SIMPLÍCIA — É o seu dote, porque vai casar.

JOSÉ *(Tomando a mão de Josefina.)* — Comigo. Ah! Eu já estava para atirar-me *(Aponta para a janela.)* ali do zimbório da Candelária abaixo.

[(Cai o pano.)]

[Fim da peça]